

HERANÇA + O FABULOSO INVENTÁRIO DAS OBRAS DO MEU AVÔ: A CIDADE COMO LEGADO DA ARTE DE CONSTRUIR

*HERITAGE + THE FABULOUS INVENTORY OF MY GRANDFATHER'S
WORKS: THE CITY AS A LEGACY OF THE ART OF BUILDING*

Gabriela Leandro Pereira

Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia

Mariana Leandro Pereira

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Escola da Cidade - São Paulo

Resumo: A partir da instalação “Herança + O Fabuloso Inventário das Obras do Meu Avô”, montada na 13ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo (2022), o artigo busca trazer uma provocação sobre a invisibilidade dos trabalhadores da construção civil no debate, na historiografia, na memória e na curadoria de arquitetura e urbanismo. Partindo da imbricada relação entre vida, trabalho e a arte de construir, as autoras-netas, mobilizamos pesquisa, documentos familiares e institucionais para dar forma a instalação.

Palavras-chave: Inventário; cidade; construtores; bienal; arquitetura.

Abstract: *Since the installation “Herança + O Fabuloso Inventário das Obras do Meu Avô”, mounted at the 13th International Architecture Biennial of São Paulo (2022), this article seeks to offer a provocation about the invisibility of construction workers in the debate, in the historiography, in memory and in the curatorship of architecture and urbanism. Starting from the intertwined relationship between life, work and the art of building, the granddaughter-authors mobilized research, family archives and institutional documents to shape the installation.*

Keywords: *Inventory; city; builders; biennial; architecture.*

Introdução

Entre maio e julho de 2022, a instalação “Herança + O Fabuloso Inventário das Obras do Meu Avô” ocupou, junto com outras tantas, o salão do SESC Paulista na 13ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, trazendo como provocação o tema da invisibilidade dos construtores no debate, na historiografia, na memória e na curadoria de arquitetura e urbanismo.

Tendo como tema “Travessias”, a 13ª Bienal apresentou como proposta curatorial o aceno para ideias como conexão, transposição, ligação e caminhos, entremeados pelas estruturas físicas e materiais que organizam a cidade, como pontes, escadas, estradas, rampas, etc. Para além de articulação metafórica, a proposta se baseou em percursos temáticos nos quais migrações forçadas, diáspora africana, fugitividades e êxodo rural são presentificados na cidade, constituída por assimetrias e desigualdades, que se conformam no tempo e no espaço em meio aos conflitos sócio-econômicos, culturais, raciais, etc. Conforme o texto do coletivo curatorial: “Travessia é, portanto, um movimento que implica corpos e territórios e, se realizada coletivamente, o compartilhamento de experiências, de memórias e de identidade”¹.

Partindo da imbricada relação entre vida, trabalho e a arte de fazer cidade, nós, autoras e netas de trabalhadores da construção civil, mobilizamos documentos, fotografias, áudios, recibos, plantas e projetos que deram forma e corpo à instalação, borrando os limites entre a história íntima, familiar, privada e a história social, coletiva e pública. A proposta se realiza

também como homenagem aos nossos avôs, João Carlos Pereira (àquela altura, ainda vivo) e Gumercindo Ruge da Silva (in memoriam), marmorista e cavouqueiro respectivamente. João Carlos trabalhou como marmorista autodidata por mais de 50 anos, executando obras anônimas e também algumas que vieram a ser tombadas pelo Conselho Estadual de Cultura. O trabalho de cavouqueiro, de Gumercindo, envolvia o corte de pedras nos morros da capital, a execução de obras de infraestrutura, como escadarias e contenções. A instalação no entanto não se pretende como gesto apenas biográfico de uma família específica, mas tem como intenção colocar a invisibilização dos construtores como mote e com isso abrir caminhos para identificação e reconhecimento por parte, sobretudo, de outras famílias racializadas, afro-indígenas, como à nossa.

Defendemos que os trabalhadores da construção civil, através do desempenho de seus ofícios, deixam marcas permanentes nas cidades, inscrevendo suas presenças apesar do apagamento de seus nomes, biografias e autorias, que não constam nos livros, placas, registros e documentos que salvaguardam a memórias das obras e arquiteturas.

Deste modo, “Herança + O fabuloso inventário das obras do meu avô” é um convite, um chamamento para a construção de uma história coletiva, ao mesmo tempo em que enfrenta o desafio de fazê-la sem recair nos já viciados procedimentos de reconhecimentos e valoração de sujeitos e seus feitos.

1. Contexto: A arquitetura e o urbanismo brasileiro e sua produção de apagamentos

A anonimização dos construtores na historiografia da arquitetura e seus patrimônios

¹ Texto de apresentação da equipe curatorial, disponibilizado no site da 13ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. <https://bienaldearquitetura.org.br/sobre/>. Acessado em 09 de outubro de 2022.

foi uma das principais questões orientadoras do processo investigativo, reflexivo e criativo que envolveu a instalação. Isso envolveu trazer à tona o fato da episteme ocidental moderna ser profundamente racializada, embora o campo da arquitetura e do urbanismo, raramente se preste a se pensar nestes termos. Como afirmam Irene Cheng, Mabel Wilson e Chardes Davis II, no livro *Race and Modern Architecture* (2020), para entender a imbricação da raça na história da arquitetura não devemos apenas incorporar práticas de construção anteriormente excluídas, mas também devemos olhar para o coração do cânone, desconstruindo o que parece universal, moderno e transparente. Acrescentamos que considerando as relações de trabalho e o modo como se organiza a indústria da construção civil brasileira, encontraremos a mesma estrutura hierarquicamente racializada definindo como são ocupados os postos de trabalhos, dos mais subalternizados (e anonimizados) aos mais valorizados (e nomeados).

O exercício que nos dispomos a fazer para a instalação envolveu circunscrever o debate teórico e historiográfico, submetê-lo às memórias e investigações nos acervos familiares e institucionais, para então definirmos formalmente o conteúdo, suporte e linguagem que seriam empregados na instalação.

O debate da racialidade ganhou centralidade, uma vez que nossos avôs, como a grande parte dos trabalhadores da construção civil, eram de famílias afro-indígenas. João Carlos, nascido em Santa Leopoldina, em 1921, região Serrana do Espírito Santo, era filho dos trabalhadores rurais Florisbella Duarte dos Santos, uma mulher de origem indígena, e Manuel Pereira Barcellos, neto de um angolano. Gumercindo, mais conhecido como Dedé, nasceu em 1927, em Penha do Capim, Minas Gerais, em uma família de origem afro-indígena também

de trabalhadores rurais, que vivia sob uma condição de trabalho análoga à escravidão. Ambos se deslocaram com suas famílias para Vitória, capital do Espírito Santo, buscando melhores condições de vida e encontraram trabalho na construção civil.

O período pós-abolição e também o século XX apresentam como desafio para homens e mulheres cujas histórias familiares foram marcadas pelas interdições do sistema escravista, a tarefa de criar vidas emancipadas em cidades estruturadas pelas desigualdades no acesso e negação de direitos. Para essas pessoas, a inserção no mundo do trabalho livre estava sujeito a condições e relações precárias, alternando entre profissionalismo e autodidatismo, que viabilizou o sustento e a aquisição de bens. Artífices, oficiais, mestres marmoristas, serralheiros, ferreiros, carpinteiros, mecânicos, dentre outros, cujos saberes adquiridos pela prática sistêmica construíram um lugar de existência possível no setor da construção civil e garantiram, ao menos parcialmente, um tipo de cidadania possível aos então chamados “homens de cor”. Esse “outro” racializado da arquitetura, pertencente às classes menos abastadas, sem diploma mas portador de sua força de trabalho, está em oposição ao outro “branco”, pertencente às elites, possuidor de títulos, de capital e de terras. Ao identificá-los assim, tentamos não incorrer no lugar comum dos estudos sobre arquitetura, de não constituir leitura sobre a racialidade branca, entendida aqui como branquitude (BENTO, 2022).

A cadeia produtiva da construção civil traz consigo o rastro das violências históricas e estruturais inscritas e incorporadas no cerne da cultura escravista e capitalista. Os canteiros de obra reproduzem hierarquias, ao mesmo tempo em que não se encerram nelas. Trazer à tona

histórias e trajetórias familiares e profissionais de trabalhadores e trabalhadoras da construção civil, é um caminho para re-humanizar, reposicionar e complexificar as nuances da vida multifacetada de sujeitos subalternizados que cotidianamente articulam labor, criação, inventividade, práticas insubmissas e projetos de emancipação.

Entre as obras nas quais o marmorista autodidata João Carlos trabalhou, em Vitória, podemos destacar a Concha Acústica do Parque Moscoso, inaugurada em 1953 no governo de Jones dos Santos Neves, com autoria do arquiteto Francisco Bolonha e tombada pela Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo. No livro *Modern Architecture in Brazil*, de Henrique Mindlin (1956), também encontramos a concha como um dos destaques dos exemplares da arquitetura modernista da época no Brasil. Em entrevista com o marmorista nosso avô, em 2018, ele conta como solucionou o problema do encaixe das peças de granito que fazem o arremate do contorno da calota de concreto armado, resolvendo ao seu método um problema que o engenheiro não estava conseguindo. Em nenhum dos lugares nos quais a Concha aparece destacada, seja nos documentos institucionais voltados para a preservação do patrimônio, seja no livro voltado para a historiografia da arquitetura modernista, há qualquer menção à ampla e complexa cadeia produtiva que envolve a realização de obras arquitetônicas, na qual, para além do arquiteto e do governador, dezenas, ou mesmo centenas de trabalhadores estão inseridos anonimamente. Os trabalhadores ocultados expõem uma multidão omitida e subjugada no quadro dos responsáveis pela materialização e concretude de ideias abstratas, como se não houvesse implícito nisso, um pacto entre brancos. Cida Bento (2022) chama de pacto narcísico

a negação e o evitamento do problema com vistas a manutenção de privilégios raciais. Ao ignorar e se des-responsabilizar da realização de uma leitura crítica que inclua as violências estruturais, coloniais e as desigualdade raciais como elementos próprios do seu campo, os estudos, teorias, discursos, narrativas, exposições e projetos curatoriais de arquitetura e urbanismo se realizam de forma insuficientes e precárias. Além do mais, assegurem a manutenção de privilégios, exclusivismos, distinções e reconhecimentos autorais.

O livro “Cadernos de Retorno”, de Edmilson de Almeida Pereira (2017), é também uma inspiração neste processo. Pereira fala dos que entraram pelas portas dos fundos da cidade e dos aprendizados com os que fendem a pedra e que o ensinaram o avesso. O pensamento sobre o avesso nos move nesse exercício, tanto enquanto imagem que opera o pensamento, quanto em termos menos metafóricos. Experimentar modos de des-pensar, ou desaprender a arquitetura no Brasil é o que motiva “Herança + O fabuloso inventário das obras do meu avô”.

2. Outros modos de inventariar: fabular caminhos de uma metodologia investigativa e criativa

A anonimização da cadeia produtiva da construção civil, bem como a invisibilização da mesma na história oficial da arquitetura, se consuma na inviabilização de localizar nos registros oficiais nomes, imagens, registros e feitos, dos construtores da cidade.

Dessa forma, nos pareceu urgente a insurgência de assumir a agência dessa homenagem, tendo a recusa em responder aos requisitos que as instâncias oficiais de reconhecimento exigem para conferi-lo como um marcador, entendendo que a própria vida

dos construtores atestam a reivindicação da legitimidade do seu papel na criação da história material das cidades. Dessa forma, fez-se necessário pensar quais requisitos seriam esses, que pudessem conferir legitimidade a esse pleito, mas que não funcionassem como mecanismo de interdição da própria homenagem.

Pensar na Bienal de Arquitetura de São Paulo, como ponto de partida de uma homenagem construída pelas herdeiras desses construtores, trouxe a importância de nesse espaço oficial, que é a Bienal de Arquitetura, realizar uma ação que dialoga com essa dimensão da oficialidade que ao mesmo tempo é inventada, deslocando também esse lugar de que o único agente do reconhecimento são as instituições oficiais, e ao mesmo tempo, reivindica a agência de construir esse conhecimento.

Não responder aos requisitos que as instâncias oficiais exigem para reconhecimento, implica em costurar outros requisitos que conferiam legitimidade ao pleito criado, que ao mesmo tempo não interditassem a própria homenagem. Quais informações mobilizar, onde buscá-las, e o que comporia a informações do inventário a ser criado, compuseram a metodologia proposta, como reforço da manutenção da recusa de reproduzir os critérios nos termos que já existem oficialmente.

A fabulação crítica, trazida por Saidiya Hartman, as possibilidades de criação a partir do arquivo de Aline Motta (2019), a relação entre arquivo e os deslocamentos das famílias negras de Theaster Gates (2020) e a arquitetura como prática cultural em bell hooks foram referências que nortearam a escolha dos elementos que pudessem compor esse inventário, onde e quais informações seriam mobilizadas, e tantas outras decisões tomadas ao longo do processo que ainda seguem em movimento.

2.1 As conversas

O privilégio de poder conversar com nosso avô João Carlos Pereira diretamente, ouvi-lo construir a sua própria narrativa, nos seus próprios termos, com os elementos que escolheu apresentar, assim como as conversas com nosso tio Sergio Leandro da Silva, filho do nosso avô Gumerindo Ruge da Silva, falando de suas lembranças da experiência vivida com o pai, além do trabalho e de sua trajetória, nos fez essas conversas como guianças da nossa pesquisa-homenagem, e a partir delas também foi construída a postura ética diante das falas.

Não nos interessaria nessa proposta de construir a homenagem, contestar, auferir, ou buscar evidências do que estava sendo falado. A postura ética construída foi de acolher essas narrativas, e não as colocar em cheque. O desafio diante dessa adoção, está na nossa não-neutralidade neste processo, pois temos nossas próprias experiências com nossos avôs, assim como outros familiares também as tiveram. Mas a postura que para nós fez mais sentido diante desse trabalho foi a de respeitar as narrativas contadas, em sua integralidade, e a partir das informações trazidas por elas, buscar documentos de outras naturezas que pudessem compor o inventário.

2.2 Álbum de família da avó paterna

As conversas com nosso avô, João Carlos, foram muito atravessadas pelo auxílio de nosso pai, Carlos Alberto, que mediou todo esse processo e então trouxe para a conversa o álbum de família da nossa avó, Fares Silva, composto por um conjunto de fotografias da década de 40 e 50.

Diante da excepcionalidade que é encontrar tal álbum, entramos em diálogo com a geógrafa

Katherine McKittrick², que aciona a estética da miscelânea negra ao analisar o livro *“Under the Knife”*, da poetisa e artista visual Krista Franklin. Dentre as práticas metodológicas envolvidas em seu trabalho, está também a acumulação textual. Vários gêneros, estilos e texturas criativas (fotografias, colagens, citações, histórias de família, letras de músicas, manuscritos, etc.) são mobilizadas para construção de um posicionamento crítico e estético diante dos sistemas sociais que objetificam mulheres e comunidades negras enquanto esperam receber delas uma leitura clara e “autorizada” da negritude e da feminilidade negra. Devolver esse olhar, reescrever, reimaginar, reordenar o conhecimento, recuperar a subjetividade e afirmar a agência humana de figuras que foram documentadas e censuradas pelo estado-nação, são gestos que as pistas visuais e textuais lançadas pela estética da miscelânea negra oferecem. Quando pessoas negras contam suas histórias sem participar da economia narrativa que funciona para objetificá-las, emerge uma gramática de possibilidades que será mais familiar para alguns e opaca para outros.

A interlocução com nosso pai e sua esposa, a partir da tentativa de identificação das pessoas que estão nos álbuns trouxeram uma outra camada de informações, trazendo uma outra narrativa, que não necessariamente responde à narrativa do avô João, assim como o álbum, construído pela nossa avó de forma independente.

No caso do nosso avô Gumercindo, não possuíamos esse conjunto de fotografias. Mas durante o processo, compreendemos também que por sermos netas, temos registros de experiências compartilhadas com ambos em

nostros álbuns pessoais, que também poderiam compor a materialidade dessas trajetórias.

2.3 Documentos de arquivo e oficialidades

A professora Saidiya Hartman (2022), quando propõe a fabulação crítica como metodologia para leitura de arquivo, explicita em seu livro que as mulheres negras do início do século 20 nos Estados Unidos, apesar de estarem construindo suas experiências de forma intensa, autônoma e livres, só aparecem nos arquivos sob o signo da violência. Diante disso, Hartman (2022) reconstrói a vida dessas mulheres e experiências na cidade, em detrimento desses arquivos. Quando voltamos para a grande narrativa da vida das pessoas negras no Brasil nesse período que estamos acessando por conta das histórias dos nossos avôs, encontramos um conjunto de informações nos documentos oficiais que encerram esse sujeito sobre o signo da interdição e da violência. Ou então nos deparamos com suas presenças precariamente registradas nos documentos oficiais, mesmo que tenhamos informações precisas de suas trajetórias.

Assim ocorre quando buscamos Florisbela Duarte (mãe do nosso avô João Carlos) e seu filho, que morreu ainda criança, no registro de óbito do cemitério de Santo Antônio, que é um grande cemitério da cidade de Vitória. Apesar de termos precisamente o nome completo da Florisbela, a data e local de seu nascimento, essas informações não nos ajudaram. Ao encontrarmos o documento de óbito, este inscreveu a Florisbela em seu registro, como Florisbela de tal. E o mesmo ocorreu com seu filho, que foi registrado como João de tal.

Então, mesmo que tenhamos informações precisas de pessoas não-brancas, os documentos não irão cuidar de registrá-las como tal. O endereço constará em branco, assim

2 McKittrick, K. (2022). Dear April: The Aesthetics of Black Miscellanea. *Antipode*, 54: 3-18. <https://doi.org/10.1111/anti.12773>



Figura 1.
Chamamento:
a cidade é sua
herança. Oficina
de ativação da
obra “Herança + O
fabuloso inventário
do meu avô” no
SESC Paulista, em
28 de maio de 2022.
(Fonte: XIII BIA)

como sua causa mortis, data de nascimento, e demais informações. Porém, convém aqui ressaltar que a única pessoa devidamente inscrita e registrada no mencionado registro de óbito é o médico. E assim acontece com todas as pessoas racializadas, negras, indígenas, pobres, mulheres não-casadas. Esse é o tratamento da oficialidade para com essas pessoas.

Quando voltamos para o que temos em mãos, que não foi produzido pela oficialidade e sim pelas próprias famílias, encontramos nelas toda pulsão de vida que a Saidiya nos convida a imaginar. Assim, estabelecemos a partir daí que esse fabuloso inventário iria se construir a partir da fabulação, que não é uma invenção e sim o reposicionamento crítico das informações sobre a vida dos personagens que a gente tem intenção e deseja trazer à tona. Dessa forma, informadas por esta proposta, procedemos com nosso modo de ler essas fotografias familiares que temos em mãos, em detrimentos da violência dos arquivos. Porém, sem nos furtarmos em pesquisarmos nos arquivos

oficiais, mas sim estabelecendo a forma que estes serão trabalhados.

Seguimos pesquisando no Instituto Jones, na busca de registros de obras, informações e documentos, e outras instituições, e informações que também compõem esse inventário. As obras oficiais, buscamos nos documentos oficiais, as informações e registros das mesmas, assim como ocorreu com o documento de resolução do já citado tombamento da Concha Acústica como patrimônio cultural pelo Conselho Estadual de Cultura (CEC) da Secretaria da Cultura do Espírito Santo. E que também aparece no livro do Henrique Mindlin sobre Arquitetura Moderna Brasileira.

2.4 Plantas, alvarás, e recibos de obras

bell hooks³ em seu livro “Art on my mind: visual politics” provoca o questionamento

³ hooks, b. (1995) Art on my mind: visual politics. New York: New Press.

da arquitetura apenas como uma prática profissional, entendendo a arquitetura como uma prática cultural. Então defendemos nessa proposta essa arquitetura com como prática cultural, pois no cotidiano, a forma que constroem, a construção da própria casa, a participação na obra das casas dos vizinhos, a construção de uma escadaria de um muro de arrimo, a verticalização a partir da sobreposição de lajes, mas também de obras como a concha acústica, prédios, cinemas, cemitérios, tudo isso é arquitetura. Dessa forma, a nossa escolha sobre que obras são essas que compoem esse conjunto de trabalhos que os construtores da cidade desenvolveram, não seria diferente. Foi na busca por documentos no armário da casa da nossa tia, que encontramos o projeto da

casa, o alvará de reforma e dezenas de recibos de reformas e ampliações da casa da nossa tia-avó materna, em nome do pedreiro Alverino, que vinha a ser irmão do nosso avô Gumercindo, que era cavouqueiro.

Dessa forma, expandimos nossa pesquisa entendendo que o trabalho na construção civil era um trabalho comum às famílias que moravam nos morros. Quando ampliamos a pesquisa para essa rua da nossa tia-avó, encontramos o trabalho desses construtores em outras obras da rua nesta região, compreendendo que esses bairros têm uma dinâmica de produção autônoma em relação às produções oficiais. E voltando pra Saidiya, conseguimos visualizar a conexão dessas histórias e pessoas nessas narrativas.

Figura 2. Instalação montada na 13ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, SESC Paulista. (Fonte: XIII BIA). Adesivo vinílico com texto em homenagem aos construtores da cidade (Fonte: Acervo da Artista).





Figura 3. Instalação montada na 13ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, SESC Paulista. (Fonte: XIII BIA). Adesivo vinílico com texto em homenagem aos construtores da cidade (Fonte: Acervo da Artista).

3. Conclusão: A instalação como chamamento

A instalação, que tem no afeto e na justiça com os anonimizados seu princípio orientador, é composta por um livro-objeto, apoiado em um aparador formado por cavaletes e placas de pinos, uma caixa de som (acoplada no fundo das placas), uma luminária, um porta retrato e sete adesivos vinílicos, sendo um preenchido com texto e os outros seis em branco (Figura 2). Os objetos foram dispostos de modo que remetesse ambigualmente à materialidade do mobiliário provisório do canteiro de obras e a intimidade do espaço doméstico familiar onde se guardam os álbuns de família. O espaço da instalação é limitado por um painel azul-

oceano, sobre o qual estão aplicadas as placas adesivas vinílicas, cuja estética mimetiza as placas de ferro fundido e letras de cobre, mas que ao serem forjadas em material de baixo custo, fácil aplicação e reproduzível em grande quantidade, pretende anunciar que estamos tomando as rédeas, redigindo nossos próprios textos e elencando nossos homenageados (Figura 3).

No álbum (Figuras 4 e 5), réplicas de fotografias da família, plantas, projetos, recibos, imagens de arquivo e documentos institucionais compõem uma narrativa visual e textual, costurada por palavras e frases que remontam a fragmentos de episódios das vidas dos construtores

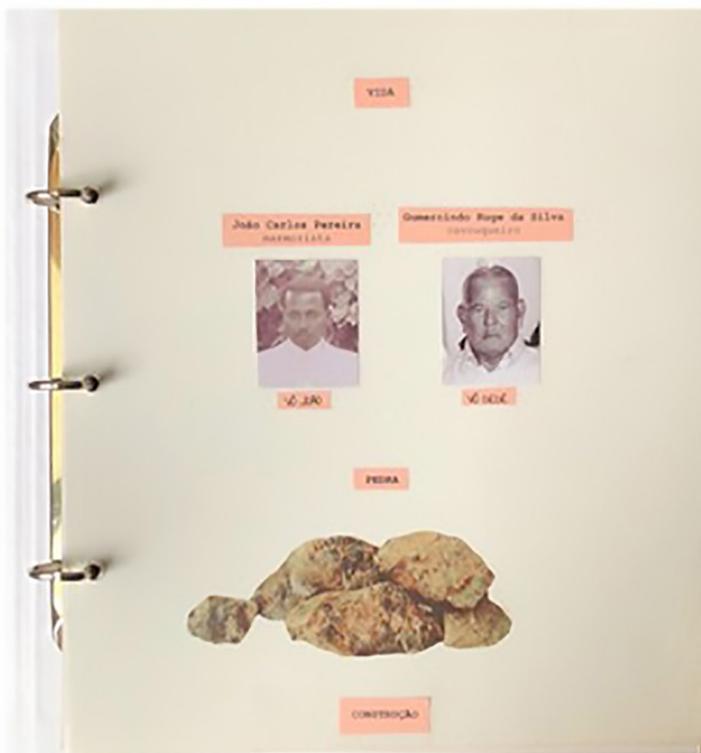


Figura 4. Álbum que integra a instalação “Herança + O fabuloso inventário do meu avô”. (Fonte: Acervo das Artistas)

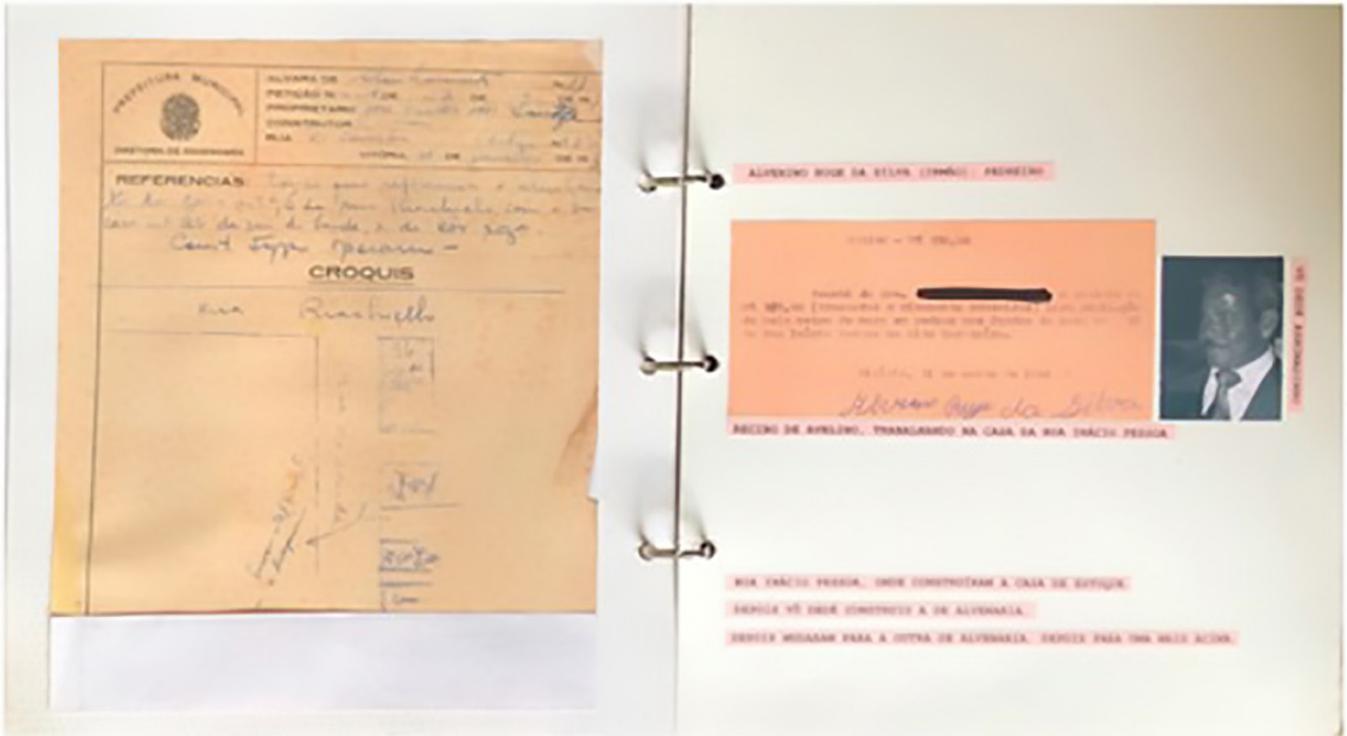


Figura 5.
 Álbum que integra a
 instalação "Herança +
 O fabuloso inventário
 do meu avô". (Fonte:
 Acervo das Artistas)

João Carlos, Gumercindo e seus familiares. Diferente dos inventários tradicionais, o álbum, ao funcionar como suporte, reposiciona a natureza da informação que se endereça à ele. Interessa menos as comprovações ou precisões institucionais, e mais a vida que foi possível construir com o labor na construção civil. Ao optar por trabalhar com as réplicas dos documentos originais, libertamos também o álbum do lugar de arquivo. Ainda que exista a natureza memorial e documental esteja presente nesse objeto, é desejo que não se torne refém de uma ideia de veracidade. As memórias da transformação da vida urbana e do labor emaranham-se entre pistas e fabulações nesta instalação cuja narrativa confunde-se com o ritmo do crescimento da cidade. Aos construtores, nossos avôs e de tantos outros, acenamos com a instalação que a cidade é seu

legado e nossa herança.

Referências

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. - 1ª ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CHENG, Irene; DAVIS II, Charles L.; WILSON, Mabel O. *Race and Modern Architecture: A Critical History from the Enlightenment to the Present*. - University of Pittsburgh Press: Pittsburgh, 2020.

GATES, Theaster. et. al. *The "Art" Of Black Visual Archives - Who Has Them? Where Are They?*. The HistoryMakers. <<https://www.youtube.com/watch?v=QLUxYldbf6M>> . Acessado em 09 de outubro de 2022.

HARTMAN, Saidiya. *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos. Histórias Íntimas de Meninas Negras Desordeiras, Mulheres Encrenqueiras e Queers Radicais*. - 1.ed. - São Paulo: Editora Fósforo, 2022.

HOOKS, b. (1995) *Art on my mind: visual politics*. New York: New Press.

MCKITTRICK, Katherine. *Dear April: The Aesthetics of Black Miscellanea*. Antipode, 54: 3-18.2022. <<https://doi.org/10.1111/anti.12773>>. Acessado em 09 de outubro de 2022.

MOTTA, Aline. *Filha Natural*. Vídeo, 15:52min. <<http://alinemotta.com/Filha-Natural-Natural-Daughter>>. Acessado em 09 de outubro de 2022.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Caderno de retorno*. - 2. ed. - Salvador: Ogum's Toques Negros, 2017.

Gabriela Leandro Pereira

<https://orcid.org/0000-0002-5682-7504>

Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Pesquisa a intersecção de temas vinculados ao urbanismo, planejamento urbano; direito à cidade; questões étnico-raciais, gênero e diversidade; história urbana; narrativas multimídias; literatura; e artes visuais.

Mariana Leandro Pereira

<https://orcid.org/0000-0002-3143-7198>

Pesquisadora independente, graduada em Direito pelo Centro de Ensino Superior de Vitória (2016) e Pós-graduada em Mediação, Gestão e Resolução de Conflitos.